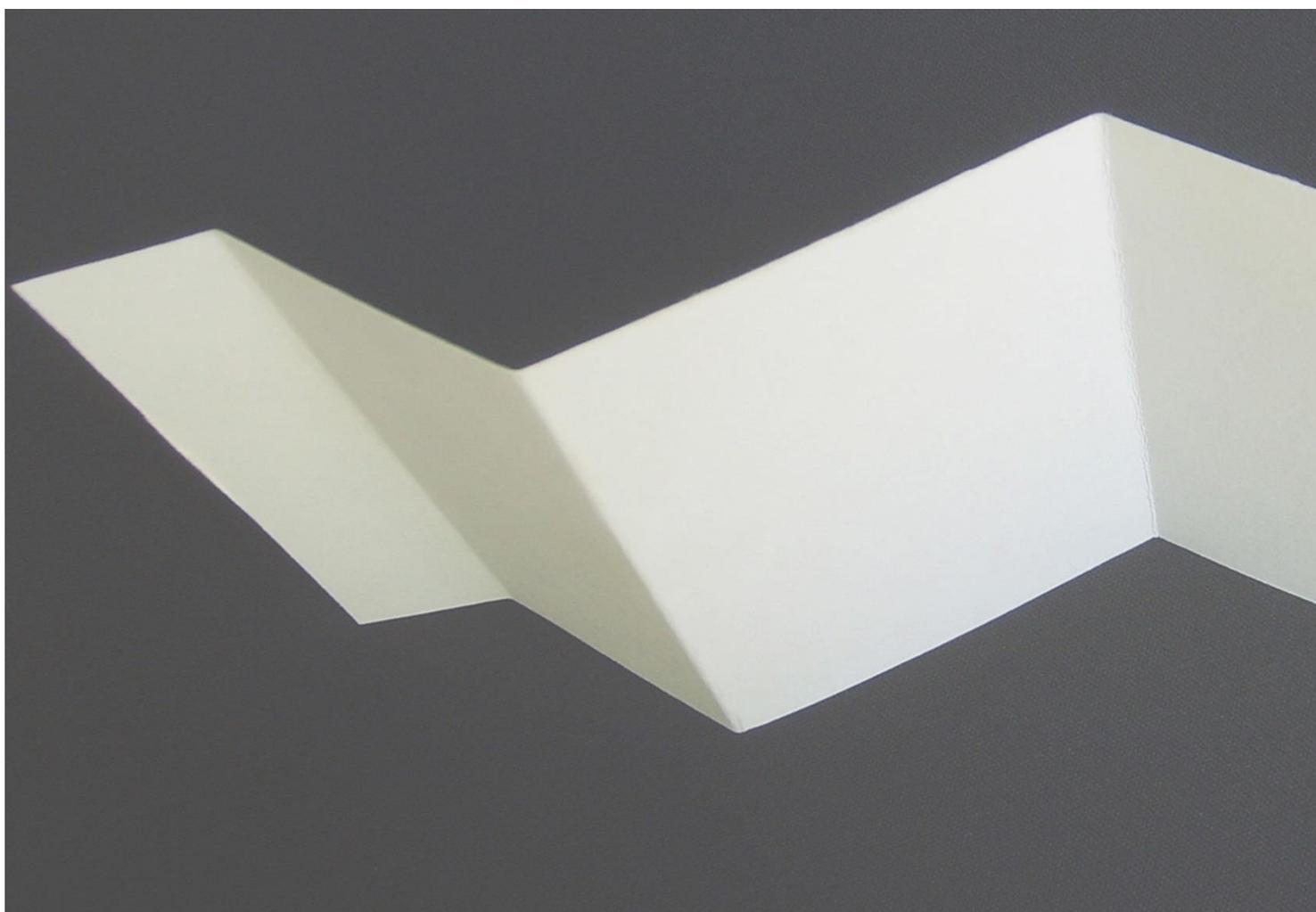


## Dossiê



## **Apresentação**

### **Processos em Arte: unidade, repetição e transformação**

O presente dossiê é constituído por artigos de pesquisadores convidados que participaram do VI Seminário de Pesquisa em Artes - Processos em Arte: unidade, repetição e transformação – promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UFU, em dezembro de 2014.

A ideia central foi a discussão do processo de criação em Arte. Consideramos aqui que o pesquisador, ao refletir sobre seu processo de criação, percebe uma unidade ou célula a partir da qual pode compor. A unidade pode ser pensada como o elemento mínimo com o qual podemos compor. Sendo um gesto corporal, voz, um corpo, acorde, um traço, objeto e/ou matéria, é por meio da unidade que nos inscrevemos no espaço-tempo e em nosso entorno. O que demanda essa inscrição inicial? Ela é a totalidade? Ou é pergunta a admitir outra vez de si como resposta?

- 8 Diversas operações podem ser feitas com essa unidade: alternâncias, desvios, tramas e gradações, entre outras, dentre as quais destacamos a repetição. Tais operações podem consubstanciar a transformação daquela unidade no tempo e no espaço, a depender de uma rítmica, de uma velocidade dessa transformação. O pesquisador pode considerar tais questões no interior de um trabalho específico, em sua conduta criadora ou mesmo em seu percurso poético como um todo.

Consideramos a repetição como operação fundamental em um processo de criação. Não somente repetimos uma unidade no espaço-tempo, mas entendemos o repetir como modo de estudar, de agir, de formar e de adquirir conhecimento, fornecendo-nos diversos dados e inferências durante a investigação. Salles (1998) pensa a repetição como ato que nos faz perceber o projeto poético como um todo: “O percurso da criação mostra-se como um emaranhado de ações que, em um olhar ao longo do tempo, deixam transparecer repetições significativas. É a partir dessas aparentes redundâncias que se podem estabelecer generalizações sobre o fazer criativo, a caminho de uma teorização”. O ato de repetir também nos remete às práticas científicas, em que é importante a possibilidade de verificação da experiência:

o teste contínuo, a partir de dados e condições as mais homogêneas, legitimará a experiência como “verdadeira”, em nível científico. Espera-se então, em numerosos ensaios, que o “mesmo” aconteça numerosas vezes, a fim, de corroborar uma série de inferências.

Em *Diferença e repetição* (2000), Gilles Deleuze afirma que “[...] em totalidades semelhantes, poder-se-á sempre reter e selecionar fatores idênticos que representam o ser-igual do fenômeno”. No entanto, surge uma questão: até quando e quanto é possível repetir, entendendo o ato nessa acepção de manutenção da mesma situação? Quando a repetição dá vez à diferença e, portanto, à transformação? Como seria a repetição no processo de criação de uma obra artística?

É Deleuze, em seu livro citado, quem nos responde: entendendo a repetição como diferença. O filósofo pensa a repetição como singularidade, desviando-se da acepção usual do termo no viés estritamente científico, mencionado anteriormente. Assim como nos verdadeiros gêmeos não é possível que um substitua o outro ou mesmo que não seja possível trocar a alma, o autor nos explica que a repetição “[...] talvez seja o eco de uma vibração mais secreta, de uma repetição interior e mais profunda no singular que a anima.” Desse modo, propõe como ação: “Não acrescentar uma segunda e uma terceira vez à primeira, mas elevar a primeira à “enésima” potência. Sob esta relação da potência, a repetição inverte-se, interiorizando-se” (Ibid). Isso significa pensar na abertura da repetição para a transformação, entendendo cada unidade como insubstituível, como devir, na abertura para o acaso, desvios, esquecimentos e lacunas.

Encontram-se, neste dossiê, textos de Ricardo de Cristofaro (UFJF), Lucia Gouvêa Pimentel (UFMG), José Nunes Fernandes (UNIRIO) e Sayonara Pereira (USP), cujos artigos focam os temas abordados nas mesas-redondas em que participaram, dentro do VI Seminário de Pesquisa. Além destes textos, recebemos a colaboração de dois outros pesquisadores, convidados especialmente para integrar este dossiê: Silvio Ferraz (USP) e Cláudia Amandi (Universidade do Porto, Portugal).

Cláudia Amandi apresenta-nos um enfoque amplo da operação repetição no processo de criação de desenhos, exemplificando-os em trabalhos de diversos artistas;

já Silvio Ferraz procura, no seio da sequência temporal, situar o lugar da ruptura como princípio composicional, exemplificando por meio de composições próprias e de outros, dentro do universo da música contemporânea. Essa questão do corte nos abre para a transformação no processo de criação e performance, o que podemos perceber nos textos de Ricardo de Cristofaro e Sayonara Pereira. Cristofaro aborda pontos de transformação na elaboração de objetos retirados de fontes virtuais (sites de internet) e reais (matrizes objetuais), aludindo ao aspecto híbrido de sua própria produção plástica. Em Sayonara Pereira, temos a apresentação do movimento de dança iniciado na Alemanha dos anos 1930 – Tanztheater - e como ele tem influenciado a dança contemporânea. Lucia Pimentel e José Nunes Fernandes partem de suas experiências no ensino de Arte. Desse modo, algo que ambos comungam é na questão da experiência como propulsora de transformações no processo de criação e na pesquisa em ensino. Lucia Pimentel aborda o conceito de experiência em Dewey e em Larrosa, entendendo neles, a importância do registro dessa experiência para se chegar a uma metodologia de pesquisa em e sobre Arte; José Nunes reflete sobre o relato de experiência como método de pesquisa, confrontando-o com os termos “pesquisa-ação” e “estudo de caso”.

■ 10

Cláudia França

Cesar Traldi

Ana Mundim